

A Necrópole Medieval de S. Caetano, Chaves*

Francisco Sande Lemos

Resumo

Na região de Chaves, no Santuário de S. Caetano, descobriram-se em 1942, diversos elementos que revelaram a presença de um sítio com ocupação da época romana e alto-medieval. Em 1981 o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte realizou um salvamento no referido Santuário, na área da necrópole, escavando 22 sepulturas cristãs que, pelas suas características, podem ser atribuídas aos séculos X-XIII. A área escavada parece corresponder à periferia de um cemitério cujo centro seria o templo descoberto em 1942, ainda soterrado, cinquenta metros a leste das sepulturas neste artigo.

Resumé

En 1981 une équipe du Service Regional de Archeologie du Nord a mené une fouille de sauvetage dans l'emplacement de la nécropole appartenant à tout un ensemble de vestiges de l'époque romaine et du haut moyen âge découvert en 1942 et publié par Mário Cardozo dans le n.º LII (3/4) de «Revista de Guimarães».

La fouille de 1981 a mis au jour 22 tombes en pierre et en brique sans vestiges de restes osteologiques ou de mobilier funéraire, remontant, probablement, d'après ses caractéristiques, au période compris entre les X^{ème} et XIII^{ème} siècles. Ces sépultures se trouvent dans la périphérie du cimetière, c. 50 m à l'est du temple découvert en 1942 (et postérieurement souterré) qui vraisemblablement en occupait la partie centrale.

Abstract

At S. Caetano's Sanctuary, in Chaves Country, remains of a roman and medieval site were discovered, in the year of 1942 and published by Mário Cardozo. Later, in 1981, the Serviço Regional de Arqueologia do Norte undertook rescue excavations in the necropolis site, digging 22 graves.

These graves, without pottery or other artifacts, are christian tombs, dated between X-XIII centuries. The excavated area of the cemetery is peripheral and located fifty meters east from the ancient temple, whose remains are still under the ground.

* Desenhos: Filipe Antunes (MRDDS) (Plantas) e Fernando Barbosa (MRDDS) (Espólio).

1. Introdução

Em Fevereiro de 1981, a pedido do Instituto Português do Património Cultural, deslocou-se a Chaves uma equipa conjunta da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho¹, e do Museu de D. Diogo de Sousa², a fim de serem iniciadas diligências no sentido de se proceder ao levantamento arqueológico daquele concelho. Acompanhados pelo Vereador do Pelouro da Cultura e Museus do município flaviense³, os elementos daquela equipa visitaram diversos monumentos e sítios⁴.

Entre os locais que se encontravam mais ameaçados estava o chamado Santuário de S. Caetano, em cujos terrenos se notavam, à superfície, diversos vestígios arqueológicos. Entre estes, restos de uma antiga necrópole, parcialmente destruída.

Tendo em consideração o interesse científico do sítio e a necessidade urgente de o valorizar mediante trabalhos de arqueologia, foi proposto ao I.P.P.C., e à Câmara Municipal de Chaves, a imediata realização de um projecto de escavações, visando em primeiro lugar a necrópole, área em maior perigo.

A proposta mereceu a aprovação do Instituto, sendo o projecto integrado no programa para 1981 do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte⁵. O Município, pela sua parte, achou por bem apoiar a iniciativa, concedendo uma ajuda financeira⁶.

Assim, os trabalhos de campo decorreram entre 8 de Setembro e 2 de Outubro de 1981, tendo sido efectuada uma campanha adicional, de 26 de Outubro a 2 de Novembro do mesmo ano.

Sob a orientação do autor esteve no terreno uma equipa do S.R.A.Z.N.⁷, que ficou alojada nas instalações do próprio Santuário de S. Caetano⁸.

1 Além do autor, Manuel Abraão Pires, motorista.

2 Manuel da Cunha Santos, fotógrafo, e Perpétua Ferreira, técnica auxiliar de museologia.

3 Senhor João Baptista Martins, a quem agradecemos todo o apoio concedido.

4 De entre outros, citamos os castros de S. Caetano e o de Loivos, este último posteriormente classificado como Imóvel de Interesse Público.

5 O Instituto do Património Cultural atribuiu a este projecto um subsídio no valor de trinta mil escudos.

6 A Câmara Municipal de Chaves concedeu um subsídio no valor de cinquenta mil escudos.

7 Constituída por Vladimiro Henrique Pires, Maria das Dores Novais, José Manuel Freitas Leite, Oscarina Carvalho, Manuel Coelho e Jesus Martinho.

8 Devemos registar o nosso apreço pelas facilidades que nos foram concedidas pelo Snr. Padre Baptista, na altura responsável pelo Santuário de S. Caetano.

O reduzido espólio recolhido foi tratado pelo Laboratório de Restauro do Museu de D. Diogo de Sousa, a cujos Gabinetes de Fotografia e Desenho se devem as reproduções fotográficas, o traço final das plantas e o desenho dos materiais⁹.

Após a conclusão da campanha, a área posta a descoberto foi integralmente coberta, ficando assim protegida, a título provisório¹⁰.

Neste texto apresentam-se, de uma forma o mais exaustiva possível, os resultados das sondagens realizadas.

2. Localização e acesso

A estação arqueológica que designamos por Santuário de S. Caetano, e que se diferencia nitidamente do Castro de S. Caetano, situa-se a Noroeste da cidade de Chaves (Est. I)¹¹.

Administrativamente pertence à freguesia de Ervededo, e ao concelho de Chaves. Cartograficamente está incluída na folha 21 da Carta Militar 1:25 000 de Portugal (S.C.E.).

As suas coordenadas são as seguintes:

- geográficas: Latitude = 1° 35' 40";
 Longitude = 41° 49' 30";
- GAUSS: M = 253,4;
 P = 540,1.

O acesso ao sítio faz-se pela estrada municipal que estabelece a ligação entre Chaves e Montalegre, por Vilar de Perdizes. A cerca do Km 14, encontra-se um desvio de terra batida que conduz directamente ao Santuário de S. Caetano, cujas construções religiosas se descortinam com facilidade (Est. VI, fig. 1).

3. Contexto geográfico

O Santuário de S. Caetano insere-se numa área de transição entre o planalto de Barroso e a Veiga de Chaves. Está defendido dos ventos de Norte e Noroeste, os mais frequentes no Inverno, ficando a meia encosta de um dos relevos suaves que descem do altiplano de

⁹ Agradecemos a colaboração de Perpétua Ferreira (fotografia), Filipe Antunes (desenho de plantas), e Fernando Barbosa (desenho de espólio).

¹⁰ As áreas escavadas foram cobertas por estruturas de madeira e chapas de zinco, instaladas pela Câmara Municipal de Chaves. Apesar disso ocorreram vandalismos que causaram sérios danos à necrópole.

¹¹ A existência de dois sítios arqueológicos muito próximos, com o mesmo topónimo, castro de S. Caetano e Santuário de S. Caetano tem provocado confusões. Por exemplo, já vimos referências à placa de cinturão, classificada como visigótica e depositada no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, como sendo proveniente do castro de S. Caetano. De facto, a referida peça foi achada nos revolvimentos que puseram à vista as estruturas noticiadas por Mário Cardozo (1942).

Soutelinho da Raia para o amplo vale de Ervededo.

A paisagem é marcada por vastos horizontes e pelo povoamento concentrado, em aldeias, cujas características tradicionais ainda se mantêm. Os terrenos agrícolas marginam os caminhos, cultivando-se a batata, o centeio e a cevada. Os lameiros aproveitam as zonas de maior humidade. A espécie arbórea dominante é o castanheiro (*castanea sativa*), alguns deles centenários. Em diversos pontos observam-se carvalhais isolados (*quercus robur*), que raramente são muito extensos, relíquias da floresta natural. Nos últimos decénios, em áreas bem definidas, nos principais cumes, têm sido plantados pelos Serviços Florestais, bosques de pinheiros bravos e silvestres, criando-se assim manchas verde-escuro, que contrastam com a paisagem profundamente humanizada e matizada, das restantes zonas.

Os invernos são frios, e nevosos, nos anos mais húmidos. O Verão curto, e seco, é amenizado pela abundância de água que brota do substrato granítico.

4. Contexto arqueológico

A região flaviense é um território que conserva inúmeros vestígios de sucessivas ocupações, as mais antigas das quais datam da pré-história recente, pelo menos¹².

Tal abundância de sítios arqueológicos será devida, provavelmente, à privilegiada situação geográfica de Chaves, como zona charneira de corredores naturais, de circulação de povos e culturas. Pelas condições propícias que oferecem à prática da agricultura, a extensa veiga e os vales adjacentes terão constituído desde sempre um pólo de atracção.

O levantamento sistemático dos valores arqueológicos do concelho está ainda em curso¹³.

A bibliografia, no entanto, refere numerosos sítios, atribuíveis a diversas épocas.

Os povoados, que se incluem no período Calcolítico, têm sido objecto de um projecto de pesquisas da Universidade do Porto¹⁴. Neste âmbito foram realizadas escavações na Pastoria, em Mairós, e em S. Lourenço¹⁵.

Também a importante série de conjuntos de arte rupestre foi matéria de trabalhos, cuja divulgação se aguarda¹⁶.

Os aspectos relacionados com a proto-história e a romanização têm sido contudo menos

12 Há referência a uma peça «Solutrense» achada na Serra da Brunheira. No entanto, tal artefacto, que faz parte das colecções do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia será material tardio (Neolítico/ Calcolítico ?).

13 Desde 1985, graças a um projecto comum do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte e da Câmara Municipal de Chaves. Nele têm trabalhado Paulo Amaral e Ricardo Teixeira.

14 Da responsabilidade da Doutora Susana Jorge, professora dessa Universidade.

15 Os resultados destas escavações foram recentemente divulgados (JORGE 1986).

16 O levantamento e estudo de diversos núcleos de arte rupestre do concelho, foi efectuado por António Martinho Baptista, Arqueólogo do Parque Nacional da Peneda Gerês. Os resultados ainda não foram divulgados. Apenas um dos núcleos, o de Tripe-Mairós, foi referido num artigo de conjunto sobre a arte rupestre do Norte (BAPTISTA, 1983-84, 77-78).

abordados, apesar do interesse dos diversos castros que ainda se conservam, e de *Aquae Flaviae*, como cidade municipal e nó rodoviário¹⁷.

Apenas no castro da Curalha¹⁸ e no Muro da Pastoria¹⁹ se fizeram escavações, as primeiras mais amplas mas de diminuto impacto científico, e as segundas, episódicas.

A *Aquae Flaviae* tem sido dedicada alguma atenção, existindo apenas estudos parcelares²⁰ e notícias esparsas de achados, aquando da realização de obras diversas no Centro Histórico²¹. Ultimamente foi publicado um estudo de conjunto sobre a região flaviense na época romana (COLMENERO 1987).

A importância da cidade, no final do Império, e no início da Alta Idade Média pode ser deduzida da Crónica de Hydácio, texto muito conhecido²².

No contexto alto-medieval, o Santuário de S. Caetano surge no caminho de uma das vias que ligava Chaves a Braga, e que terá permanecido como um eixo fundamental de circulação durante toda a Idade Média, como demonstram diversos troços de calçada entre Sanjurge e Ervededo²³.

5. História do sítio

O interesse arqueológico do Santuário de S. Caetano foi detectado pela primeira vez em 1942, quando o pároco responsável pelo Santuário promoveu importantes remoções de terras, que parecem ter afectado seriamente a fisionomia tradicional do sítio.

Durante esses desaterros foram trazidos à superfície, ou postos à vista, vestígios que suscitaram o interesse do Coronel Mário Cardozo, na altura Comandante Militar da Guarnição de Chaves. Esta feliz coincidência permitiu que os achados ocorridos em 1942 não caíssem no olvido e que, pelo contrário, ficassem registados e fossem publicados por aquele arqueólogo.

¹⁷ Como se sabe por *Aquae Flaviae* passava uma das vias entre *Bracara Augusta* e *Asturica*, sendo provável que para a cidade flaviense confluíssem outras vias. O estudo minucioso da rede viária romana na região e da sua persistência está por fazer. Entretanto consulte-se Sereno Barradas (1956, 159-241) e A. Tranoy (1981).

¹⁸ O castro da Curalha tem sido estudado pelo Professor Doutor Santos Júnior. Dispensamo-nos de referir a numerosa bibliografia publicada por este arqueólogo a esse respeito, que pode ser compulsada em sucessivos números da revista «Trabalhos de Antropologia e Etnologia».

¹⁹ No Muro da Pastoria foram efectuadas duas campanhas de trabalhos, dirigidas pela Dra. Teresa Soeiro, Assistente da Universidade do Porto (SOEIRO 1986, 21-28).

²⁰ Ver, por exemplo, um pequeno artigo de António Montalvão (1972, 35-39).

²¹ Informações oriundas da Câmara Municipal de Chaves.

²² A esse respeito ver uma análise minuciosa da Crónica de Hydácio (TRANOY 1974).

²³ Estes troços de via são por vezes atribuídos à época romana. É possível que a via romana tenha determinado o traçado da estrada que se manteve em uso até ao século XIX. Só um estudo de pormenor poderá responder a esta questão.

Foi ainda possível que parte dos objectos então descobertos recolhessem ao Museu da Sociedade Martins Sarmento²⁴. Outro lote de peças ficou no mesmo Santuário, ainda que em más condições de conservação²⁵. Finalmente, um terceiro conjunto foi oferecido ao Museu Municipal de Chaves, onde podem ser observados²⁶.

Como não podia deixar de ser, a estação arqueológica de S. Caetano mereceu a Mário Cardozo um extenso artigo, onde são descritos o sítio, as estruturas descobertas e o material mais significativo. Aliás, o texto do arqueólogo vimarenense constitui, ainda hoje, a única referência bibliográfica directa a este sítio.

Por via da placa de cinturão, classificada como visigótica por Mário Cardozo, outras referências, nem sempre correctas e muito breves, têm sido feitas a este local.

Após Mário Cardozo, aparentemente mais nenhum estudioso se interessou directamente pelo sítio, que entretanto continuou a ser objecto de sucessivas destruições, involuntárias, resultantes de melhoramentos introduzidos pela Confraria do Santuário. Entre os achados decorrentes de novos desaterros, é de referir a descoberta de um tesouro monetário romano tardio²⁷.

6. Descrição do sítio

Na área do Santuário de S. Caetano existem toda uma série de valores naturais, etnológicos e arqueológicos, que passamos a enumerar:

- de interesse natural ou paisagístico assinalamos uma fonte com água de boa qualidade, muito procurada, e um belo conjunto de seculares castanheiros;
- de valor artístico referimos uma pequena capela, de origem românica, uma igreja de traça barroca (séc. XVIII), um nicho, e um cruzeiro, possivelmente da mesma época;
- à etnologia interessa também o sítio, pois que aí se realiza uma das mais concorridas romarias e festas da região de Chaves, que, segundo se diz, reúne anualmente milhares de peregrinos, muitos deles provenientes da vizinha Galiza.
- como vestígios arqueológicos inventariámos os seguintes:
 - a) Ruínas de um edifício descrito e fotografado por Mário Cardozo, talvez restos de um

²⁴ Infelizmente uma das peças mais interessantes, a conhecida placa de cinturão «visigótica» foi recentemente roubada, durante o assalto ao Museu da Sociedade, ocorrido em 1986.

²⁵ As peças que se encontram no Santuário são poucas, mas por serem metálicas, e por se encontrarem guardadas num nicho-capela, estão bastante deterioradas.

²⁶ O conjunto inicial do Museu de Chaves era também composto por peças metálicas. A este pequeno núcleo foi acrescentada a cerâmica (fragmentos) recolhida nestes últimos anos.

²⁷ Agradecemos à Dra. Manuela Delgado o contributo para a elaboração destes parágrafos relativos à cerâmica de S. Caetano.

- pequeno templo da época da Reconquista Cristã, que presentemente se encontra soterrado. O sítio exacto onde jazem estas ruínas foi-nos indicado pelo Padre Baptista (*Est. II n. 1*).
- b) Estruturas pertencentes a diversas construções, visíveis no corte do talude sobranceiro à igreja barroca. São muros de pedra granítica bem aparelhada, com sólidos alicerces, definindo num dos casos uma sala com pavimento de argila vermelha, bem batida, (*Est. II n. 3*).
- c) A necrópole que se desenvolve para noroeste e oeste das ruínas referidas em a) e b). Uma parte significativa da necrópole foi destruída já neste século, ao desaterrar-se a área envolvente de um cruzeiro tardio. Um outro sector da necrópole, o mais periférico foi também afectado pela abertura de uma estrada de terra batida e pela florestação moderna.
- d) Vestígios de um forno de fabrico de cerâmica, atestado por restos de estruturas, por uma camada singular de argila cinzenta, e por numerosos fragmentos de cerâmica (*Est. II n. 4*).
- e) Para além destes quatro conjuntos de vestígios que acabamos de destacar, é possível observar outros indícios menos significativos e esparsos, nomeadamente estruturas mal definidas, pedra aparelhada antiga amontoada aqui e acolá, um sarcófago, e outros elementos que se encontram espalhados por toda a área do Santuário.

7. A escavação de 1981. Metodologia

Tal como foi afirmado na introdução, dos diversos grupos de vestígios acima enumerados, o mais ameaçado parecia ser a necrópole, que se conservava a Oeste do possível templo alto-medieval.

De facto, à superfície do terreno observavam-se restos de sepulturas, numa zona a Leste de uma estrada, e também a Oeste da mesma, no talude resultante da sua abertura.

Delimitaram-se pois dois sectores de intervenção, segundo um único eixo, cada um agrupando um conjunto de valas, correspondendo a quadrados de 4 x 4 metros.

A Oeste da supracitada estrada foram abertas quatro zonas, E1, E2, F1 e F2, separadas por banquetas de 1 metro. A Leste foram escavadas 3 zonas, A1, A2 e B2.

Em todas, praticamente, as sepulturas definiram-se logo nos primeiros centímetros de decapagem. Após terem sido delimitadas, foram objecto de uma cobertura fotográfica sistemática, tendo sido as tampas, quando existiam, desenhadas à escala 1:10, antes de serem removidas.

Concluída a escavação cuidadosa do interior das sepulturas, foram estas desenhadas à escala 1:20.

Foi operada uma cobertura final fotográfica, em preto e branco e diapositivos.

8. A escavação. Resultados

Como primeiro resultado verificou-se que a necrópole foi muito destruída, quer por antigos trabalhos agrícolas, quer pela arborização recente com pinheiros.

Assim, o enchimento da maioria das sepulturas foi violado ou profundamente revolido pelas raízes das árvores.

Estas condições, pouco favoráveis, limitam muito o valor das inferências possíveis.

No total foram registadas 27 sepulturas, tendo sido escavadas 22.

A quase totalidade dos túmulos apresenta uma forma mais ou menos rectangular, salvo um de tipo «cova». A maior parte das caixas rectangulares são formadas por lages de granito ou xisto, assentes no substrato rochoso. Em alguns casos a pedra foi substituída por tégula. De um modo geral o fundo é escavado na rocha, embora possa ser, ocasionalmente, forrado com lages ou tégula.

As dimensões das caixas são variáveis, devendo corresponder, admitimos, ao tamanho dos cadáveres que eram sepultados.

Estão orientadas, sistematicamente, ou de Oeste para Leste, ou de Noroeste para Sudoeste. Infelizmente não possuímos dados que nos permitam esclarecer o sentido dessa diversidade na orientação dos sepulcros.

Quanto ao modo de cobertura, encontrámos dois sistemas: pequenas lages dispostas transversalmente, ou tégula.

Não se registou qualquer espólio ritual. Numa sepultura recolheram-se uma conta de colar e um colchete em bronze. Em algumas apareceram pregos de ferro, indicando o uso de caixões.

Apenas numa foi observado espólio osteológico, um fragmento muito deteriorado de uma calote craniana. Esta ausência de restos antropológicos não surpreende numa área de solos silíceos, ácidos, derivados do granito.

9. Inventário das sepulturas

Convenção dos itens

1. Zona de escavação.
2. Orientação.
3. Cobertura.
4. Descrição da caixa.
5. Espólio.

Sepultura 1

1. Quadrado B2.
2. ?

3. Sem cobertura.
4. Cova escavada na rocha, de forma circular irregular, apresentando um diâmetro aproximado de 0,37m, observando-se uma pequena lage situada sensivelmente a Norte. Profundidade: cerca de 0,20m.
5. Carvão de origem animal e vegetal.

Sepultura 2

1. Quadrado B2.
2. E/ O.
3. Sem cobertura.
4. Sepulcro constituído por uma caixa rectangular, do qual restam cinco lages laterais e uma à cabeceira. Comprimento de 2,10m e largura de 0,56m. Profundidade à cabeceira 0,40m e aos pés 0,30m. Fundo rochoso, apenas se observando 3 lages na cabeceira.

Sepultura 3

1. Quadrado B2.
2. E/ O.
3. Sem cobertura.
4. Sepulcro sub-rectangular, sendo a parede leste formada pela parede oeste da sepultura 2, e o lado oposto por 3 lages visíveis. A cabeceira não é visível, havendo uma lage a fechar os pés. Comprimento e largura visíveis: 2,00m e 0,42m. Fundo rochoso. São ainda visíveis 2 lages do fundo, aos pés.

Sepultura 4

1. Quadrado A1.
2. SE/ NW.
- 3 e 4. Localizada no vértice norte da zona de escavação, não é viável a sua caracterização, devido ao facto de se prolongar sob o solo, para além dos limites do quadrado.

Sepultura 5

1. Quadrado A1.
2. S/ N.
3. Sem cobertura.
4. Escavada na rocha, de forma irregular. Comprimento: 2,20m; largura: variável, entre 0,50m e 0,45m; profundidade média: 0,12m.
5. Sem espólio.

Sepultura 6

1. Quadrado F1.
2. SE/ NW.
3. Sem cobertura.
4. Caixa de lages, de forma sub-rectangular, muito destruída pelas raízes de um pinheiro. Conservam-se uma lage à cabeceira e outra aos pés; das laterais restam apenas duas, e o fundo é constituído por quatro grandes lages. O comprimento: 1,85m; largura (cabeceira e pés): 0,50m e 0,40m; profundidade

(cabeceira e pés): 0,45m e 0,39m.

5. Sem espólio.

Sepultura 7

1. Quadrado F1.
2. SE/NW.
3. Sem cobertura.
4. Sepulcro constituído por uma caixa rectangular (?), do qual se observam apenas três lages, uma vez que a sepultura desaparece sob o solo, no limite do quadrado. Comprimento visível: 0,50m; largura à cabeceira: 0,28m. Fundo rochoso.
5. Parcialmente escavada.
Sem espólio.

Sepultura 8

1. Quadrado F1.
2. SE/NW.
3. Da cobertura restava uma única lage à cabeceira, disposta transversalmente.
4. Sepulcro, aparentemente formado por uma caixa rectangular, de que se conservam duas lages laterais, uma de cada lado, assentes na rocha, não sendo possível fazer uma descrição completa, porque desaparece sob o solo da banquetta. Comprimento visível: 0,88m; largura à cabeceira: 0,40m; profundidade: ?. Fundo rochoso.
5. Sem espólio.

Sepultura 9

1. Quadrado F2.
2. SE/NW.
3. Sem cobertura.
4. Sepulcro constituído por uma caixa sub-rectangular formada por uma lage à cabeceira, duas no lado sul, e outras duas, mais duas pedras pequenas, no lado norte. Comprimento estimado: 1,00m; largura (cabeceira, pés): 0,34m e 0,22m; profundidade: 0,25m. Duas lages no fundo à cabeceira. Fundo rochoso.
5. Calote craniana, muito deteriorada, e vários molares de adulto.

Sepultura 10

1. Quadrado F2.
2. SE/NW.
3. Sem cobertura.
4. Sepulcro aparentemente formado por uma caixa rectangular. São visíveis duas lages sobrepostas à cabeceira, mais uma lage enorme, ocupando todo o espaço visível do lado sul. Verifica-se ainda, a existência de uma pequena pedra do mesmo lado, completando o fecho da sepultura. Carece de mais informação, devido ao seu desaparecimento sob o solo da banquetta. Comprimento visível: 1 m; largura à cabeceira: 0,50 m; profundidade: ?. Fundo rochoso.
5. ?

Sepultura 11

1. Quadrado E2.
2. SE/NW.
3. Sem cobertura.
4. Sepulcro constituído por uma caixa rectangular, de lages de xisto assentes na rocha, e pequenas pedras de granito a reforçar a construção, uma lage em cutelo à cabeceira e outra aos pés. No lado norte quatro lages maiores; no lado sul uma única lage *in situ*. Comprimento: 1,12m; largura (cabeceira, pés): 0,70m e 0,60m; profundidade: (média) 0,60m. Existem duas lages no fundo, uma à cabeceira e outra sensivelmente aos pés. Fundo rochoso.
5. Três pregos de ferro.

Sepultura 12

1. Quadrado E2.
2. SE/NW.
3. Da cobertura observam-se quatro lages, dispostas irregularmente e uma tégula, na cabeceira. Comprimento: 1,50m; largura (aos pés): 0,48m.
4. A sepultura, que entra no limite sul da vala não foi escavada, pelo que não é viável a sua descrição mais detalhada.

Sepultura 13

1. Quadrado E2.
2. SE/NW.
3. Da cobertura observam-se duas lages de xisto, uma é transversal à cabeceira, e outra longitudinal. Comprimento visível: 0,90m; largura: 0,56m.
4. Não escavada, porque entra no solo do limite SE da vala. Parece, no entanto ser constituída por uma caixa, talvez de forma sub-rectangular, formada por pequenas lages, reforçadas por pequenas pedras.

Sepultura 14

1. Quadrado E2.
2. SE/ NW.
3. A cobertura, embora destruída, seria formada por tégula, a julgar pelos vestígios que se conservaram.
4. Sepulcro constituído por uma caixa sub-rectangular, por tégula, protegido exteriormente por lages de xisto e granito. Fundo forrado a tégula. Comprimento (aproximado): 2,00m; largura (cabeceira, pés): 0,46m e 0,30m. Para além da tégula do fundo, já mencionada, existem ainda duas lages de granito, uma à cabeceira e outra aos pés.
5. Sem espólio.

Sepultura 15

1. Quadrado E2.
2. SE/ NW.
- 3 e 4. A sepultura foi muito destruída, mas a presença abundante de tégula faz supôr uma estrutura idêntica à do túmulo 14.
5. Muita cinza e carvão.

Sepultura 16

1. Quadrado E2.
2. SE/ NW.
3. Da cobertura restam três lages, dispostas transversalmente, mas ligeiramente removidas.
4. Forma indefinida, pois que a sepultura foi muito perturbada. Fundo formado por lages de diversos tamanhos.
5. Sem espólio.

Sepultura 17

1. Quadrado A2.
2. SE/ NW.
3. Observam-se duas lages de granito, longitudinais.
4. Da caixa sepulcral apenas se distinguem a lage dos pés, e uma lateral, uma vez que a sepultura entra no limite da vala. Comprimento visível: 1,10m; largura estimada: 0,30m.
5. Não escavada.

Sepultura 18

1. Quadrado A2.
2. SE/ NW.
3. Com cobertura.
4. Sepulcro constituído por uma caixa sub-rectangular de lages assentes no substrato. Observam-se a lage dos pés, e duas de cada um dos lados. A parte superior não é visível porque a sepultura entra no limite da vala. Comprimento (observável): 1,00m; largura (média e pés): 0,40m e 0,28m. Profundidade: 0,30m. Fundo forrado com duas lages.
5. Sem espólio.

Sepultura 19

1. Quadrado A2.
2. SE/ NW.
3. Sem cobertura.
4. Sepulcro constituído por uma caixa, aparentemente rectangular, de lages assentes no subsolo rochoso, destruída na parte inferior. À cabeceira existe uma lage; do lado norte restam três e duas sobrepostas; o lado sul é definido por uma única grande lage, em xisto. Comprimento estimado: 1,20m; largura: 0,30m; profundidade (cabeceira, média, pés): 0,38m; 0,35m e 0,65m. Fundo rochoso.
5. Sem espólio.

Sepultura 20

1. Quadrado A2.
2. E/ O.
3. Sem cobertura.
4. Caixa rectangular formada por tégula, lages de xisto e granito. Comprimento visível: 1,40m; largura (superior, média e pés): 0,15m, 0,20m e 0,30m; profundidade: (superior, média e pés): 0,41m; 0,36m e 0,35. Fundo rochoso.

5. Sem espólio.

Sepultura 21

1. Quadrado A2.
2. SE/ NW.
3. Sem cobertura.
4. Caixa sepulcral formada por lages de granito, duas em cutelo, à cabeceira e aos pés, só se podendo observar uma das paredes laterais, pois que a outra foi destruída pela sepultura 26 que se lhe sobrepôs. Comprimento: 1,20m; larguras visíveis (cabeceira, média e pés): 0,34m; 0,26m e 0,30m. Fundo rochoso e uma lage na parte inferior.

Sepultura 22

1. Quadrado A2.
2. SE/ NW.
3. Sem cobertura.
4. Sepulcro destruído na sua metade inferior. Talvez de forma rectangular. Constituído lateralmente por cinco lages de granito, três a Norte e duas a Sul, e uma em cutelo à cabeceira. Comprimento visível: 1,04m; largura (cabeceira, média): 0,64m e 0,28m; profundidade (cabeceira, média): 0,75m e 0,24m. Fundo de lages. Subsiste uma lage na zona da cabeceira.
5. Pregos em ferro

Sepultura 23

1. Quadrado A2.
2. E/ O.
3. Cobertura de tégula.
4. Sepulcro constituído por uma caixa rectangular (?) formado por três lages de granito: uma a Norte, outra a Sul e outra à cabeceira, assentes no substrato, não sendo possível fazer uma descrição mais minuciosa, porque entra no limite da vala. Comprimento visível: 1,02m; largura (à cabeceira): 0,40m; profundidade (à cabeceira): 0,48m. Fundo forrado por lages de granito.
5. Quatro pregos de ferro.

Sepultura 24

1. Quadrado A2.
2. E/ O.
3. Entra no limite SE, sendo apenas observável o vértice da caixa sepulcral, o que é insuficiente para proporcionar qualquer descrição. Vê-se parte de três lages de granito, duas do lado norte e uma à cabeceira.
4. e 5. Não escavada.

Sepultura 25

1. Quadrado A2.
2. SE/ NO.
3. Sem cobertura.

4. Sepulcro muito destruído, conservando-se apenas a parte lateral direita, constituída por três lages de granito, e a lage dos pés. Comprimento observável: 1,36m; largura observável nos pés: 0,30m; profundidade: (aos pés): 0,29m.
5. Sem espólio.

Sepultura 26

1. Quadrado A2.
2. SE/ NO.
3. Sem cobertura.
4. Caixa sepulcral muito destruída, devido talvez à sua proximidade da superfície. Verifica-se uma acumulação de pedras à cabeceira, e conservam-se *in situ*, 4 lages, uma à cabeceira, e três do lado esquerdo SW. Comprimento observável: 1,15m; largura desconhecida; profundidade: 0,47m.
5. Sem espólio.

Sepultura 27

1. Quadrado A2.
2. SE/ NO.
3. Sem tampa.
4. Sepulcro escavado na rocha, do qual apenas se observa uma pequena área dos pés, escondendo-se a restante sob o solo a Noroeste da vala.
5. Sem espólio.

10. Espólio

10.1 — O espólio proveniente de S. Caetano, dos trabalhos recentes, compreende material resultante das escavações ou recolhido à superfície, em diversas áreas da estação.

Quanto ao que provém das escavações há que distinguir entre o originário das sepulturas e o achado nos sedimentos que as envolviam ou cobriam. Não há interesse em discriminar os fragmentos de cerâmica encontrados nas terras exteriores às sepulturas, pois que é manifestamente desprovido de contexto, remexido. Por isso, foi incluído no conjunto de material cerâmico a que nos referiremos mais adiante.

Entre o espólio retirado do interior dos sepulcros, destacamos:

- a ocorrência de fragmentos muito pequenos de cerâmica comum, de cronologia indeterminável, em diversos túmulos.
- a existência de elementos de adorno e vestuário, recolhidos na sepultura 11, que se resumem a duas pedras de colar (uma em vidro e outra de variscite, de cor verde) e a 1 pequeno colchete em bronze.
- a presença de pregos de ferro, recolhidos em diversos enterramentos.

10.2 — O conjunto de material cerâmico remexido ou de superfície, recolhido em 1981, no Santuário de S. Caetano, reduz-se a 50 unidades, de fabrico incaracterístico, cronologia incerta, formas geralmente indetermináveis, devido à ausência de perfis completos e à exiguidade dos fragmentos.

Relativamente à forma, podem-se distinguir 5 fundos de potes, 1 bordo (de prato?), biselado para o exterior, e ainda 1 fragmento de um grande jarro com o bordo lobulado e colo alto, ornamentado por duas molduras decoradas a dedo. Este último é idêntico, tanto na forma como no fabrico, a um fragmento encontrado nas Termas Romanas do Alto da Cividade ou de Maximinos, o qual apresenta para além da aludida decoração, uma larga asa decorada com sulcos e incisões, formando losangos.

Toda a cerâmica de S. Caetano é de fabrico comum, de pastas micáceas, com desengordurante composto essencialmente por quartzo, mica (incluindo biotite), e alguma cerâmica moída, esta apenas presente em sete fragmentos de pastas alaranjadas. Predominam as pastas cinzentas, mais ou menos escuras, e alguns fragmentos incorporam uma argila de cor terrosa, como é o caso da peça atrás destacada. As superfícies são simplesmente alisadas, conservando-se rugosas ao tacto.

Desconhecemos a cronologia desta cerâmica, e apenas podemos verificar a semelhança da decoração do fragmento 0017 (81), Est. VI, com vasos de cerâmica comum de Conímbriga, atribuídos ao Baixo-Império ou de «cronologia incerta» ALARCÃO, 1974).

11. Considerações finais

As escavações que realizámos em 1981 em S. Caetano incidiram provavelmente sobre a faixa periférica de uma necrópole medieval, cujo ponto central estaria num edifício religioso descoberto em 1942 e que hoje se encontra soterrado.

Por isto, e pela tipologia das sepulturas que devem ser incluídas no horizonte dos túmulos de lages, definidos pelos investigadores do país vizinho, pensamos que a série que exumamos possa corresponder a uma fase tardia de enterramentos já dos séc. X e XII. Julgamos que os túmulos orientados Leste-Oeste, e com elementos em tégula possam ser mais antigos (séc. X / XI).

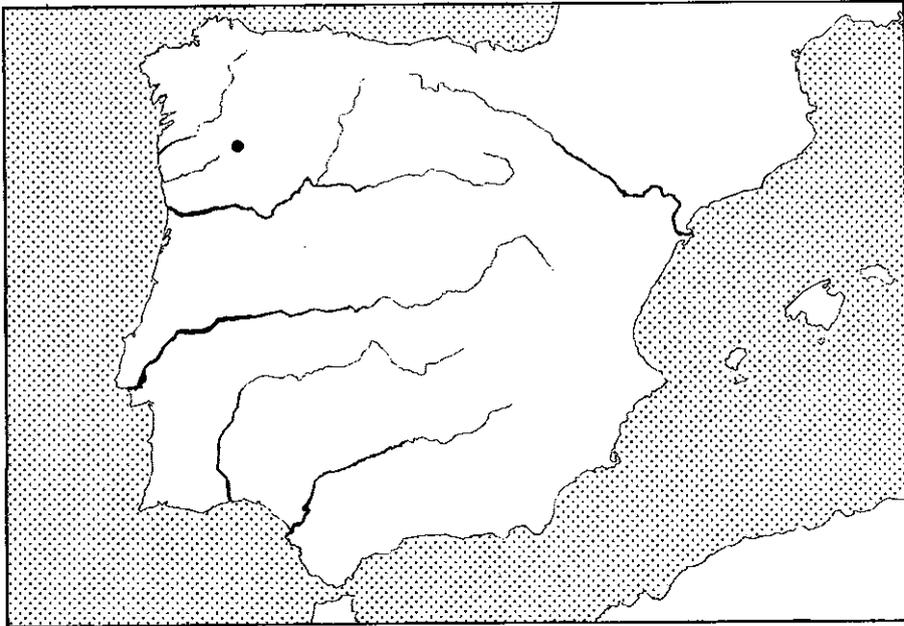
O muro detectado na vala F2 poderá corresponder ao limite da necrópole, que poderia ser definido por um muro.

No entanto, só o estudo integral da necrópole, do templo e do povoado permitirá esclarecer as questões de ordem cronológica, que por ora ficam em suspenso.

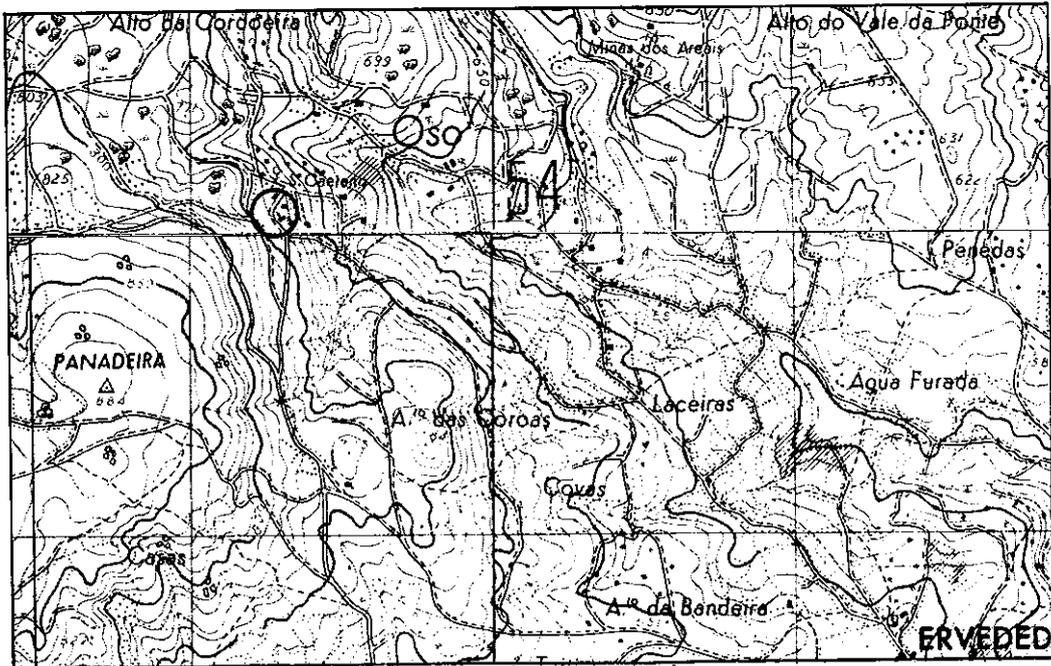
De facto, apesar de todas as infelizes destruições ocorridas, acreditamos que a estação arqueológica do Santuário de S. Caetano é um sítio assaz interessante, cuja escavação exaustiva trará dados significativos para o conhecimento da Alta Idade Média do Norte do país.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1974) — *Cerâmica comum local e regional de Conímbriga*. Suplemento de Biblos, Coimbra.
- BAPTISTA, A. M. (1983-84) — Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva, *Portugália* (N/S), IV-V, Porto, pp. 71-82.
- BARRADAS, L. (1956) — Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança, *Revista de Guimarães*, 66 (1-2), Guimarães, pp. 159-241.
- CARDOZO, M. (1942) — Uma estação visigótica (?) do concelho de Chaves, (S. Caetano — freguesia de Couto de Ervededo), *Revista de Guimarães*, 52, Guimarães, pp. 237-256.
- COLMENERO, (1987) — *Aquae Flaviae*, Câmara Municipal de Chaves
- JORGE, S.O. (1986) — *Povoados da Pré-história Recente da Região de Chaves — Vila Pouca de Aguiar*, Instituto de Arqueologia, FLUP, Porto.
- MONTALVÃO, A. (1972) — Permanece a urbanística de Aquae Flaviae? *Conímbriga*, 11, Coimbra, pp. 35-39.
- SOEIRO, T. (1986) — O Muro da Pastoria, Chaves. Campanha de escavação de 1982-83, *Portugália*, (N/S), VI-VII, Porto, pp. 21-24.
- TRANOY, A. (ed.) (1974) — *Hydace-Chronique*, Editions du Cerf. Paris.
- TRANOY, A. (1981) — *La Galice Romaine*, Diffusion du Bocard, Paris.

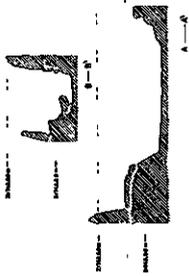


1 Localização da necrópole de S. Caetano na Península Ibérica.

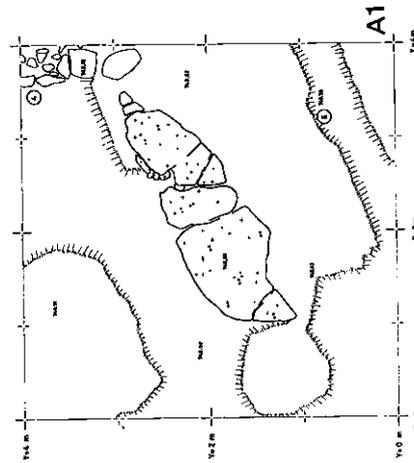
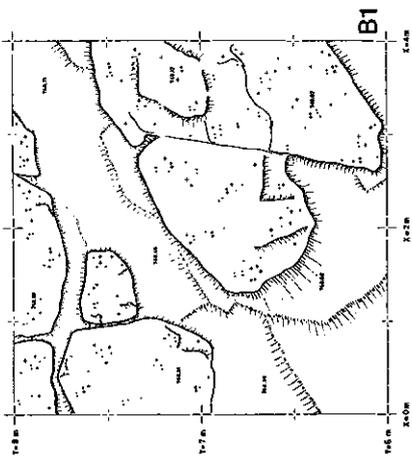
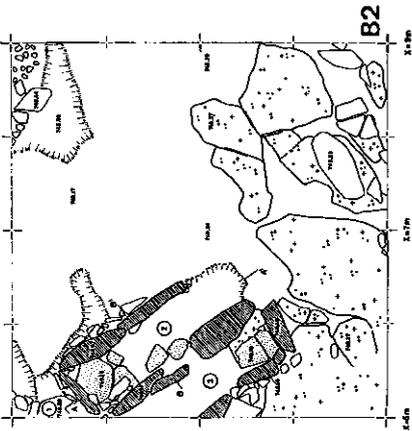


2 Localização da necrópole de S. Caetano (Cartas dos S.C.E., folhas 21 e 34, Esc. 1:25.000).

ESTAMPA III

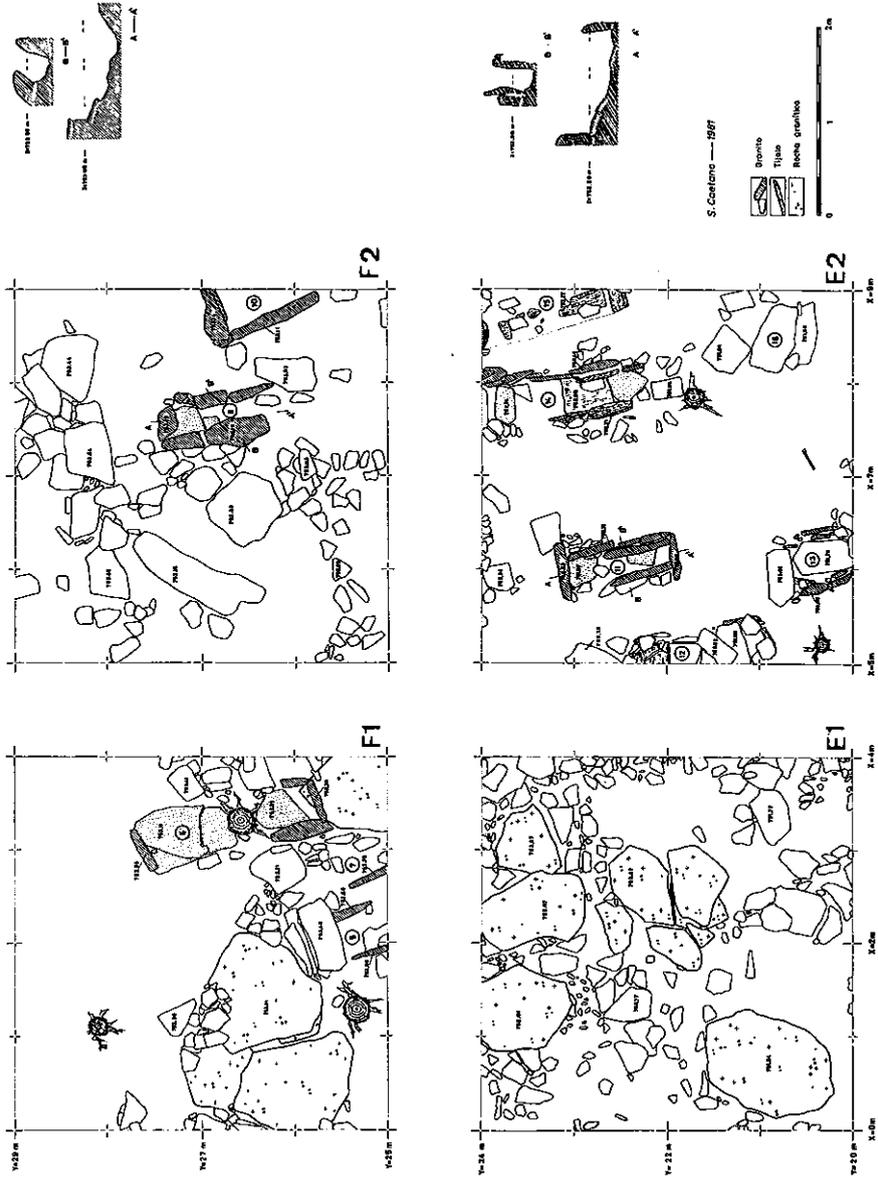


S. Cristóvão — 1937



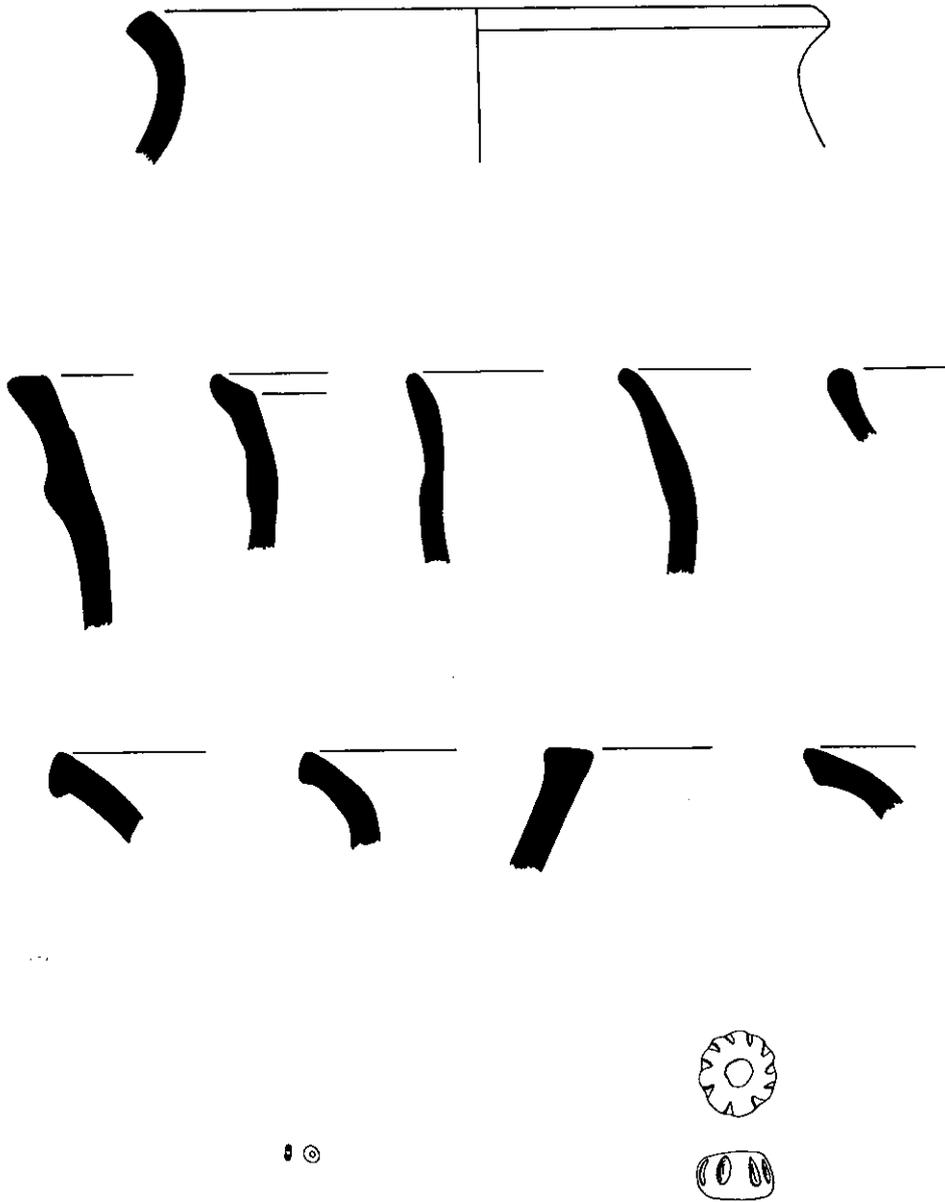
Levantamento das sepulturas das zonas A e B

ESTAMPA IV



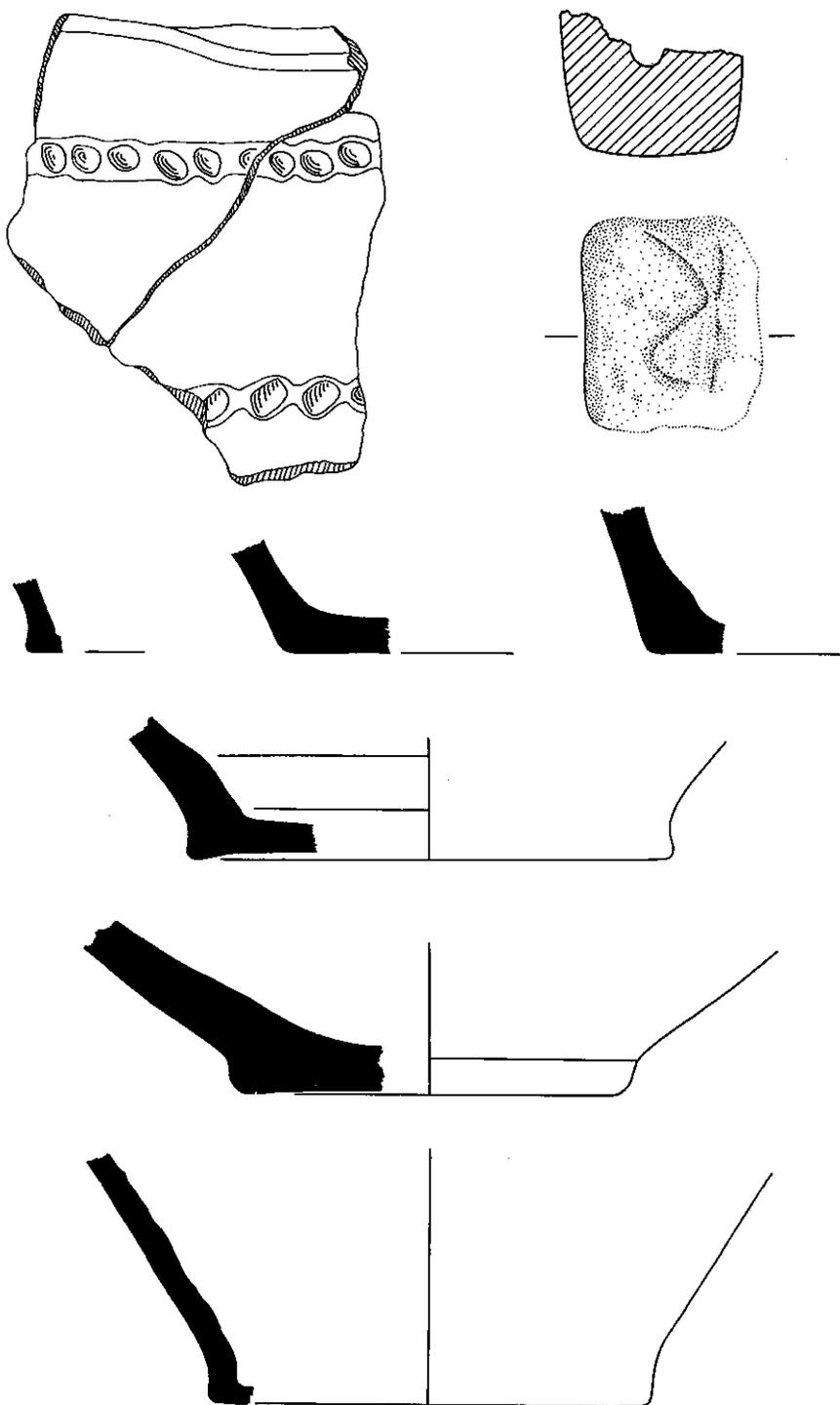
Levantamento das sepulturas das zonas E e F

ESTAMPA V



Diversos tipos de bordos em cerâmica comum e 2 contas (uma de variscite e outra de vidro). (Esc. 2:3).

ESTAMPA VI



Fragmento cerâmico decorado, fragmento de peso de tear com marca e diversos tipos de fundos de cerâmica comum.
(Esc. 2:3).



1 Aspecto geral da escavação.

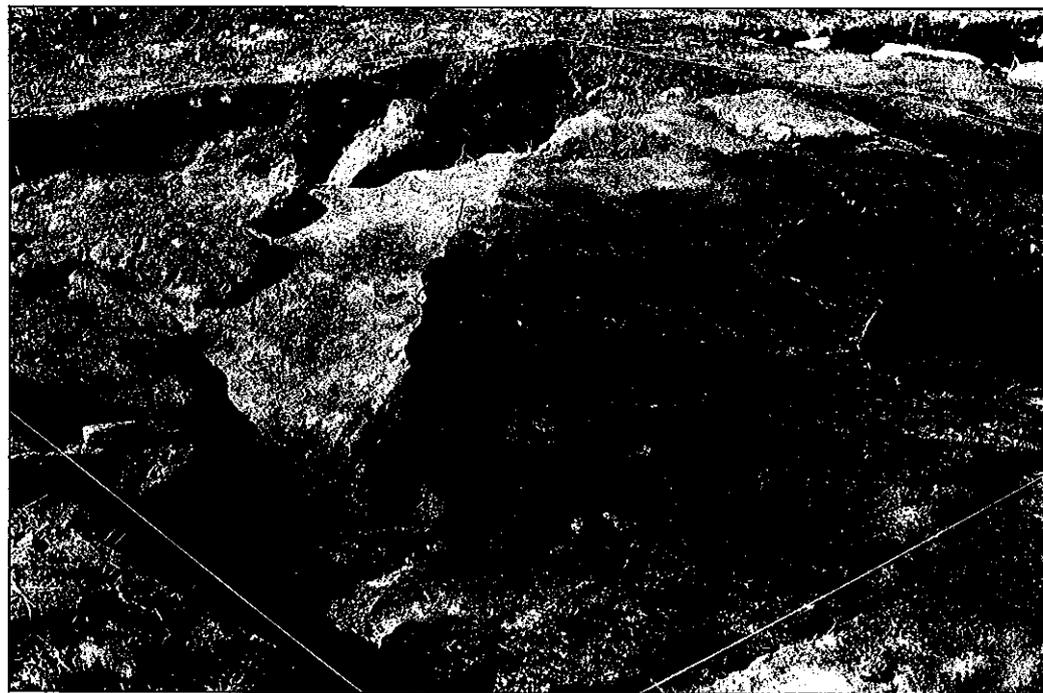


2 Fase de escavação da zona A1.

ESTAMPA VIII



1 Fase de escavação da zona A2.



2 Fase de escavação da zona B1.

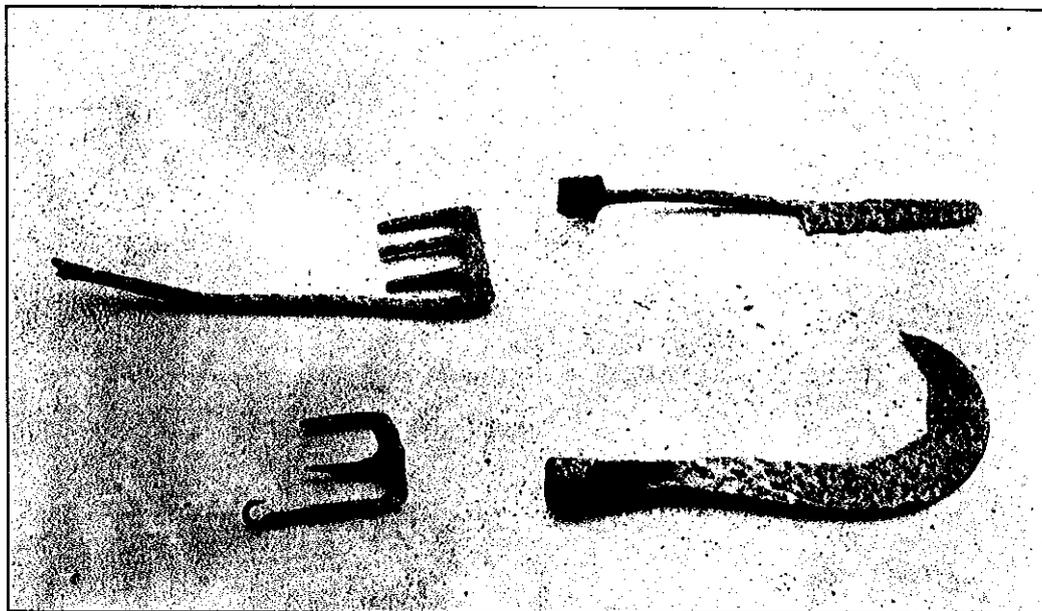


1 Fase de escavação da zona B2.



2 Aspecto das zonas E2 e E1.

ESTAMPA X



2 Utensílios em ferro, achados na década de 40 (CARDOSO, 1942), que se conservam nas instalações do santuário.



1 Fase de escavação da zona F2.